

ENTRE A RESISTÊNCIA E A DIVERSIDADE: NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE UMA MULHER NEGRA

Marcos Randall Oliveira de Freitas (1); Magnólia Maria Oliveira Costa (1); Rita de Cássia Araújo Amaro (2).

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: randall.ufc@gmail.com

Resumo do artigo: As mulheres negras sempre necessitaram estar inseridas nas lutas por melhores condições de existência/sobrevivência, pois sofrem com o preconceito há muitos anos. Apesar dos diversos avanços nas questões de gênero e raça, as mulheres negras ainda são as que mais sofrem com tamanha barbárie. É um sofrimento duplo, pois sofrem por serem mulheres e sofrem por serem negras. Carregam nas costas e no coração o estigma social do gênero e raça consideradas inferiores. Dessa forma, a pesquisa em questão busca discutir os processos de lutas das mulheres negras no Brasil. A pesquisa em questão busca discutir os processos de lutas, resistências e empoderamento das mulheres negras no Brasil. A metodologia utilizada teve base perspectiva qualitativa de investigação. A pesquisa deu-se em três etapas: na primeira, foram utilizados procedimentos metodológicos de base qualitativa: a pesquisa bibliográfica; a segunda fase da pesquisa foi pela abordagem autobiográfica. Na última, analisamos e discutimos a narrativa da participante, a partir das reflexões sobre suas experiências de vida. Utilizamos a entrevista narrativa (auto) biográfica que nos auxiliou a construir dados junto à participante. Sentir-se um ser em constante movimento e (re)construção é compreender que todas as ações e sujeitos que aparecem trazem alguma contribuição para o processo de “ser alguém” e o de “estar no mundo”. São identidades heterogêneas, caminhos que se entrecruzam, idas e vindas, todos constituem de maneira tênue as esferas do individual e do coletivo. A entrevista foi gravada na comunidade do Cumbe, em Aracati. Portanto, entendemos que é por meio da educação que o empoderamento das mulheres negras é enaltecido e emancipado.

Palavras-chave: Mulheres negras, Empoderamento, Resistências.

Introdução

Discutir sobre a situação das mulheres negras na contemporaneidade é um papel desafiador, pois estamos imersos em uma sociedade que, apesar das mudanças, apresenta-se cada vez mais conservadora, machista e patriarcal, o que dificulta o empoderamento das mulheres negras, em contrapartida, desafia cada mulher negra a lutar e resistir diante de tantos entraves sociais.

A pesquisa em questão busca discutir os processos de lutas, resistências e empoderamento das mulheres negras no Brasil. A metodologia utilizada teve base perspectiva qualitativa de investigação (Minayo e Sanches, 1993).

A pesquisa deu-se em três etapas: Na primeira, foram utilizados procedimentos metodológicos de base qualitativa: a pesquisa bibliográfica; a segunda fase da pesquisa foi pela abordagem autobiográfica. A última etapa foi constituída da análise e discussão da narrativa da participante, a partir das reflexões sobre

suas experiências de vida. Desse modo, utilizamos a entrevista narrativa (auto) biográfica que nos auxiliou a construir dados junto à participante. A entrevista foi gravada na comunidade do Cumbe, em Aracati.

Esta pesquisa justifica-se pela necessidade de discutir sobre questões sociais que são aparentes, mas que, contudo, são invisibilizadas pela sociedade. É importante também porque tenta desconstruir a visão machista e patriarcal sobre as mulheres, especialmente as mulheres negras.

O sistema capitalista a cada molda-nos na lógica da mecanização, do objetivismo e da produtividade. Nossas mentes, corpos e sonhos estão inseridos nessa perspectiva e nossa subjetividade é domesticada a pensar no consumo e na produção. Nessa ótica, a discriminação e o preconceito são colocados em cena, já que as pessoas que não se adequam ao padrão do sistema, da mídia e do consumo são vistas como serem de riscos à sociedade.

Apesar dos diversos avanços nas questões de gênero e raça, as mulheres negras ainda são as que mais sofrem com tamanha barbárie. É um sofrimento duplo, pois sofrem por serem mulheres e sofrem por serem negras. Carregam nas costas e no coração o estigma social do gênero e raça consideradas inferiores.

De acordo com Nogueira (1998, p. 15), a sociedade busca enxergar as pessoas negras de forma pejorativa, já que o negro:

É sempre visto como bandido, sujo, incapaz, e, por mais esforços pessoais que tenha feito para conquistar um lugar social melhor, será um indivíduo marcado por essa cor que não o separa desses implacáveis sentidos de que o configuram o racismo e a discriminação.

Torna-se cada vez mais necessário discutir questões de gênero e raça nos diversos espaços sociais, como escolas, universidades, política e mídia, pois através do diálogo e da conscientização conseguiremos diminuir e até destruir as amarras do preconceito e da discriminação.

Em contrapartida, assistimos diariamente o avanço da hegemonia da exaltação da raça branca na televisão. Esse avanço, geralmente, é marcado pela valorização da heterossexualidade e da masculinidade. Novelas e seriados invisibilizam as “minorias” e tentam de todas as maneiras homogeneizar as raças. Nas reflexões de Carneiro (2003, p. 119):

Nesse sentido, o racismo também superlativa os gêneros por meio de privilégios que advêm da exploração e exclusão dos gêneros subalternos. Institui para os

gêneros hegemônicos padrões que seriam inalcançáveis numa competição igualitária. A recorrência abusiva, a inflação de mulheres loiras, ou da “loirização”, na televisão brasileira, é um exemplo dessa disparidade.

Derrubar as hegemonias que perpassam pelos diferentes espaços é um exercício de luta, cidadania e resistência. Por isso, mulheres negras não podem calar-se diante dos preconceitos. A subjetividade de cada mulher negra não pode ser silenciada ou massacrada. Fortalecer a identidade, o empoderamento e as lutas. Para Souza (1983, p. 17-18):

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Cada ato de luta é um modo de (re)criar as potencialidades. Potencializar a luta é abrir espaços de diálogo e (auto)formação. A libertação não ocorre de maneira individual e egoísta, ela é coletiva. Mulheres negras em cena ratificam a história pulsante e as múltiplas identidades de gênero e raça.

Metodologia

A metodologia utilizada na área da educação frequentemente está vinculada à perspectiva qualitativa de investigação (MINAYO e SANCHES, 1993), a qual propicia uma relação mais próxima entre pesquisador e informante, onde o pesquisador participa da realidade investigada.

A escolha por esta abordagem parte do princípio que esta ajudará a responder nossos objetivos propostos uma vez que oferece apoios metodológicos que possibilitam o pesquisador a compreender e analisar de forma mais consistente os sujeitos nas relações estabelecidas pelo contexto social.

De acordo com Minayo (1994, p. 21):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

www.joinbr.com.br

fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa qualitativa possibilita a construção de mecanismos de compreensão dos sujeitos e a análise mais subjetiva das relações que perpassam a construção dos dados, diferenciando-se das experiências quantitativas. Transformar os sujeitos em dados estatísticos é também silenciar as crenças, as experiências e a subjetividade dos envolvidos na pesquisa. Minayo (2001, p. 22) afirma que:

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Na pesquisa qualitativa, a aproximação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa torna-se elemento relevante para a (re)construção dos dados da pesquisa e para a (re)significação das práticas e dos sentidos.

Resultados e Discussão

O método (auto)biográfico é um mecanismo de enaltecimento das vozes dos sujeitos que, no caso desta pesquisa, estão envolvidos na práxis pedagógica. Vozes essas que, muitas vezes, são esquecidas ou silenciadas por diversos contextos ou situações do cotidiano. Bueno (1998, p. 29), reflete que “o prazer de narrar-se favorece a construção da memória pessoal e coletiva, inserindo o indivíduo nas histórias e permitindo-lhe, a partir destas tentativas, compreender e atuar”.

Trabalhar com a abordagem (auto)biográfica implica refletir e discutir a formação dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, já que para Nova; Finger (2010, p. 26):

[...] por um lado ela permite identificar as características seguidas pelos formadores na sua própria dinâmica de formação e na aquisição de competências técnicas específicas à função que desempenham; por outro lado, ela facilita a definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador

As experiências pessoais e profissionais entrecruzam-se com as experiências

cotidianas e também como a construção das múltiplas identidades dos sujeitos. Para Hall (2006, p. 13):

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possível, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente.

Sentir-se um ser em constante movimento e (re)construção é compreender que todas as ações e sujeitos que aparecem trazem alguma contribuição para o processo de “ser alguém” e o de “estar no mundo”. São identidades heterogêneas, caminhos que se entrecruzam, idas e vindas, todos constituem de maneira tênue as esferas do individual e do coletivo.

Ser um sujeito em (auto)formação, permite aos sujeitos a possibilidade de, ao narrar suas histórias de vida, fazer uma análise de fatos e experiências do passado e também do presente como forma de (re)criar possibilidades futuras, tanto no desenvolvimento pessoal, como no profissional.

Falar de si e das relações que cercam é também refletir sobre a construção do empoderamento feminino. Refletir sobre o passado e a história é também (re)construir a identidade, é perceber que a educação sempre faz-se presente no dia a dia. Colocá-la em prática não é uma tarefa fácil, pois ela depende também da relação com outros sujeitos e com o mundo. Envolver-se com a educação é também um trabalho de existência e de (trans)formação. Para Brandão (2000, p. 451):

Fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos estão constantemente criando em nós e fazendo conosco.

O método (auto)biográfico é um encontro com a alma, pois é através dele que o sujeito sente-se convidado a caminhar por trajetórias pessoais e profissionais e refletir sobre os processos geradores de cada narrativa. Nóvoa (2007, p. 18), reflete que:

“[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto) biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação

dos modos de conhecimento científico”.

(Auto)narrar-se evidenciou duas reflexões importantes: a primeira, remete ao fato de que contar sua própria história é uma atividade de constante (re)construção e de renovação de forças. O esquecer é uma atividade mais cômoda. Narrar-se é resgatar laços, construir pontes, pois "esquecer um período de sua vida, é perder contato com aqueles que então nos rodearam" (HALBWACHS, 2006, p. 32).

(Auto)biografizar-se é um processo de autorreflexão, um melhor com as minhas experiências individuais e coletivas. A escrita torna-se um encontro com as minhas experiências achadas, perdidas e escondidas.

A participante será chamada de Iracema em homenagem ao seu local de nascimento. Iracema nasceu em 14 de Julho de 1950. Iracema inicia sua narrativa resgatando memórias do seu nascimento e infância. A participante refletiu várias vezes sobre a condição de escravidão vivenciada por ela e por seus familiares:

Nasci na cidade de Iracema no Ceará numa família muito pobre, que lembro de comer farinha com água para não morrer de fome, minha bisavó foi escrava e minha vó e mãe nos contava as histórias horríveis que minha bisavó deixou, como por exemplo ela minha bisavó perdeu dois dedos cortados na foice pelo senhor dela, só porque a calça dele não estava bem passada, essa história me deixava muito triste sempre que contada e lembrada, sempre me sentia a pior pessoa, angustiada, sem ânimo para viver, sem valor. Mesmo não existindo mais escravidão, mas me sentia sim uma escrava daquela situação em que a gente vivia, situação de pobreza e miséria. (Trecho da narrativa de Iracema)

Em sua narrativa, as memórias foram bem marcantes e emocionantes. Em vários trechos, Iracema usou a palavra ‘resistência’ para ratificar sua trajetória de desafios, lutas e resistência perante as desigualdades sociais. Ela também ressaltou o preconceito sofrido através das palavras, como urubu e macaca:

Aos 14 anos meu patrão tentou abusar de mim, mas resisti, daí ele me bateu mas consegui fugir daquela situação e não voltei mais aquela casa, dias depois minha ex patroa foi no barraco onde morávamos saber o porque de não ir mais ao serviço, daí falei que minha mãe precisava de mim e não dava, mais não quis falar a verdade pois gostava muito dela, ela era boa comigo, embora eu ser negra e pobre, ela ainda insistiu mas não quis, com medo de

ser violentada. Lembro muito bem do que passamos na cidade quando andava na rua, ficavam mangando e rindo ne nós por sermos pobres e negras, fui muito chamada de macaca, de urubu. (Trecho da narrativa de Iracema)

Quando tinha 42 anos fomos convidados pela minha irmã a morar no quilombo, no CUMBE onde ela tinha conhecido o marido de lá e teriam ido morar lá, mesmo com nossa casinha em Aracati, aceitamos e fomos, pois nos identificávamos com aquele povo, era nosso povo de verdade. Até hoje moramos aqui, eu meu marido e nossa filha, pois nosso filho se casou e foi morar em Fortaleza, estuda lá e está se formando. Eu acho que tive uma luta muito árdua nessa vida, e que embora tudo que passei ainda tive forças para lutar para fazer o futuro dos meus filhos diferente, sou feliz hoje mesmo sendo pobre e negra, pois tenho paz nessa comunidade, e não sofro tanto preconceito como antes. (Trecho da narrativa de Iracema)

As situações positivas e negativas que ocorrem na vida da participante da pesquisa contribuíram de maneira significativa no processo de formação dela como sujeito cidadã, já que, ao relatar os seus sucessos e fracassos, foi possível romper paradigmas e dinamizar o seu processo de empoderamento:

Minha maior felicidade hoje é quando vejo as mulheres negras na televisão, cantando, nas novelas, trabalhando, eu choro imaginando o quanto tudo mudou pois na época de criança nós éramos tratados como bichos, pior ainda foi o que minha bisavó passou por ser escrava. Então hoje eu vejo o mundo muito diferente e cheio de oportunidades para o povo negro. Eu penso que essas mulheres negras já são livres nos dias de hoje, são independentes, trabalham, estudam e isso faz com que elas sejam essa palavra aí que vocês falaram “IMPODERADAS” (Trecho da narrativa de Iracema)

Iracema, em sua narrativa (auto)biográfica, destacou suas diversas potencialidades como sujeito de transformação social, destacando suas habilidades mulher do campo e sua força laboral.

Conclusões

A pesquisa realizada desafiou-nos a refletir sobre a realidade de luta e resistências das mulheres negras na contemporaneidade, sobre a invisibilização dessas na sociedade, sua perda de identidade e o estigma que carregam.

Em sua narrativa, Iracema deixa clara a sua esperança de mudanças e isso nos remete e Freire (1996, p. 80-81) quando diz que “A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto desse ímpeto”.

Dessa forma, tendo Freire como maior referência em educação, nós como educadores, não podemos nos deixar influenciar pelo discurso universal de que nada podemos fazer. Dessa maneira, o pedagogo severamente nos indaga:

“Que precisamos nós, os chamados educadores, *saber* para viabilizar os nossos primeiros encontros com mulheres, homens e crianças cuja humanidade vem sendo negada e traída, cuja existência vem sendo esmagada?” (1996, p. 82, *itálico do autor*).

Portanto, entendemos que é por meio da educação que o empoderamento das mulheres negras será enaltecido, pois “se a educação não pode tudo, alguma coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante”. (Freire, 1996, p. 126).

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos R. Ousar utopias: da educação cidadã à educação que a pessoa cidadã cria. In: AZEVEDO, José Clóvis de, GENTILLI, Pablo, KRUG, Andréa e SIMON, Kátia (orgs). **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: UFRGS/SME, 2000, p. 449-462.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, São Paulo, nº 49.2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da autonomia**: Saberes Necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

JOSSO, Marie Christine. Da Formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: Nóvoa, António; Finger Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1998. Experiências de vida e formação. Lisboa: Educa, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza & SANCHES, Odécio. **Quantitativo-Qualitativo**: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1993.

_____, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Significações do corpo negro. 1998. 146 f. Tese (Doutorado em psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: MS/DRHS/CFAP, 1988.

_____, Antônio. **O método (auto)biográfico e a formação**. São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

